

A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES FEMININAS POR MEIO DA LITERATURA: O CASO DA COLEÇÃO CLÁSSICOS HISTÓRICOS

PATRÍCIA APARECIDA DO AMPARO (FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP).

Resumo

Esta comunicação é parte do projeto de mestrado “Sonhando acordada: um estudo sobre as práticas de leitura da coleção Clássicos Históricos”. A coleção Clássicos Históricos, fonte de nossa pesquisa, é composta por romances sentimentais, comercializados em bancas de jornal. Estes romances são traduções publicadas, originalmente, nos Estados Unidos e têm enredos ambientados na Europa, durante o século XIX. A principal hipótese do projeto se refere à idéia de que os romances sentimentais concorrem para a formação de identidades e sensibilidades femininas em suas leitoras, por meio das representações sociais femininas, masculinas, entre outras, que difundem. Para verificar a hipótese, realizamos três entrevistas semi-estruturadas com leitoras de romances sentimentais; e analisamos os depoimentos que elas deixam em sites de relacionamentos e blogs no espaço virtual. Dessa maneira, temos mapeado as práticas de leitura realizadas por essas mulheres e entendido como estas dão sentidos e significados para a leitura, constituindo identidades femininas (CHARTIER, 1991; CERTEAU, 1994). As falas das leitoras indicam que estas entram em contato com os livros por meio de mulheres mais velhas já conhecidas, passando a efetuar uma leitura conjunta, trocando impressões entre si. Ao mesmo tempo, ao levarem a leitura pela vida, criam sentidos pessoais para ela. Vê-se, assim, que a leitura de romances sentimentais possibilita a criação de identidades de grupo, na medida em que esta prática é compartilhada, e identidades individuais, pois ela tem imbricações com a vida de cada leitora. Outra faceta da construção desta identidade se refere ao fato de que o romance sentimental é uma leitura considerada inferior, por isso, as leitoras têm que lidar com a tensão de criar suas identidades associadas a uma leitura socialmente desvalorizada, que segue uma lógica de mercado (SODRÉ, 1988).

Palavras-chave:

Práticas de leitura, Gênero, Identidade.

Apresentação

Esta comunicação divulga os primeiros resultados do projeto de mestrado *Sonhando acordada: um estudo sobre as práticas de leitura da coleção Clássicos Históricos*[1]. Nossa fonte são os romances sentimentais que compõem a coleção *Clássicos Históricos*, editada pela *Nova Cultural* desde 1993. Tais livros são publicados, originalmente, nos Estados Unidos pela *Kensington Publishing Corp. NY* e tratam de encontros amorosos problemáticos, ambientados, preferencialmente, na Europa e Estados Unidos durante o século XIX. O público-alvo da coleção é o feminino e popular. Sua comercialização é feita, quinzenalmente, em bancas de jornal por preços baixos, R\$8,90. Além disso, esta literatura é considerada de baixo valor cultural, em oposição à literatura culta, não sendo vendida em livrarias(SODRÉ, 1988).

Nossa hipótese central diz que as representações sociais sobre o casamento, o amor, a sexualidade, bem como, a respeito de condutas femininas e masculinas criadas e colocadas em circulação pela e na publicação podem concorrer para a formação de identidades e sensibilidades femininas. Para tanto, temos, por um lado, investigado a própria coleção, seu suporte e história com vistas a entender como a editora e autoras constroem seu leitor, por meio da idealização de uma

prática de leitura (CHARTIER, 1991; OLIVERO, 1999). Por outro lado, para nos aproximarmos do processo de produção de sentidos, possivelmente formativos, a partir da leitura, temos realizado entrevistas com leitoras e analisado suas falas em *blogs*, criados por elas e pela *Nova Cultural*, além de páginas virtuais de relacionamento, o *Orkut* (CERTEAU, 1994).

Tais fontes são bastante distintas: as entrevistas são orais e memorialísticas, recuperando, agora, o modo como as leitoras compreendem seu relacionamento com os livros ao longo da vida (MEIHY, 2005); o *blog* consiste em um espaço virtual criado por uma pessoa, versando sobre qualquer tema (GARBIN, 2003). Já as páginas do *Orkut* têm como função a criação de perfis virtuais aos quais se associam outras pessoas, configurando um espaço de encontro.

Práticas de leitura: entre a prescrição e a prática

Nesta seção, tentaremos compreender qual a prática de leitura realizada por nossas leitoras, sendo assim, cruzaremos os dados sobre a prática idealizada pela publicação em seus aspectos materiais e estrutura interna, com as informações sobre as práticas observadas por meio do contato com leitoras. Deve-se levar em consideração que em uma coleção, os aspectos de cobertura - capa, contracapa e lombada - divulgação e estrutura interna são padronizados. Esta padronização visa à adaptação de um grupo de textos a um público particular, por isso, este leitor é, de certa forma, construído pela coleção (OLIVERO, 1999; TOLEDO, 2001). Este é o público que a *Clássicos Históricos* quer alcançar:

Obras com **grande apelo popular**, os Romances **seduzem e entretêm** um número cada vez maior de **leitoras**, oferecendo histórias de paixão e encontros inesquecíveis, que cumprem o seu objetivo: **fazer sonhar**[2]"(grifos nossos).

Tal intento se expressa nos elementos de cobertura da coleção da seguinte forma. As capas dos livros oferecem ao leitor a única imagem presente no volume, contendo fotografias pintadas nas quais casais em cenas de carinho são representados. O homem e a mulher da ilustração podem estar apenas próximos um do outro ou se beijando, o que sugere maior ou menor sensualidade. Por se tratar de uma coleção com enredos passados no século XIX, os modelos estão vestidos com roupas de época. A imagem do casal está em primeiro plano, inserido em um fundo bucólico, repleto de árvores e flores, produzindo um ambiente idealizado, propício ao encontro romântico. Esta representação não muda até mesmo em narrativas passadas em cidades. Em alguns casos, elementos como castelos ou mansões estão ao fundo, simbolizando a camada social privilegiada na publicação: nobres e burgueses.

Além da imagem, as capas contêm o título do livro e da autora, escritos com letras grandes e em destaque. No canto esquerdo superior da página está o logotipo da coleção: um pergaminho, no qual aparecem o nome *Clássicos Históricos* e uma referência ao século XIX. Não se menciona o nome da editora, sugerindo que nestas publicações populares, em um primeiro momento, esta informação não é relevante (CHARTIER, 1991). De modo oposto, o preço da coleção já vem impresso abaixo do logotipo da coleção, em letras pequenas, significando um dado importante para a venda de livros.

Já no alto da contracapa, ao centro, encontramos o logotipo dos romances da *Nova Cultural*, associando-se, por fim, os livros à editora. No canto esquerdo inferior da página localizamos apenas o logotipo da editora. Abaixo vemos uma frase em que se destacam o local e o ano/século em que o enredo é ambientado. A seguir há outra frase que dá novas pistas sobre o trecho, que é somado à informação dada no título, como é o caso do livro *Casamento em risco*, no qual aparece a frase "Um pequeno impulso pode vir de onde menos se espera...". Na contracapa há também um resumo composto de dois parágrafos que apresenta os protagonistas, principiando pela mulher e seguindo com o homem, informando algum aspecto de suas vidas e o problema enfrentado por eles. Nestes resumos também se apresentam alguns elementos que fazem parte da narrativa, além do encontro amoroso, como a sensualidade, o que se percebe no trecho a seguir: "...somente um homem ousado e sedutor conseguiria transformar a recatada Adele numa mulher ardentemente apaixonada!".

Manipulando os elementos da capa e contracapa como protocolos de leitura, a editora Nova Cultural induz a uma leitura autorizada, aquela que interpreta os livros pela chave do encontro amoroso entre as personagens (CHARTIER, 1991). Além disso, este conjunto fornece uma série de informações sobre o enredo, tornando desnecessária a leitura dos livros para que se conheça a narrativa.

Tal conjunto demonstra ser fundamental para a produção de sentidos a partir da prática de leitura efetuada pelas leitoras, pois estes elementos parecem estar bastante assimilados por elas:

A maioria das vezes escolho o livro pela capa. E quando a foto do casal transmite uma paixão contida ou algum sentimento de urgência, eu quase sinto a mesma urgência em começar a ler o romance[3](Luciana).

As capas da coleção demonstram apelar para os sentidos e sentimentos das leitoras, falando diretamente com sua imaginação, ajudando a criar o clima de romance almejado pela publicação. Contudo, em outros casos, notam-se as incoerências neste núcleo interpretativo:

Quanto ao resumo, as vezes influencia na compra e outras vezes não tem nada haver com o conteúdo e se fosse pelo resumo, nem compraria o livro. Quanto a capa, sinceramente nem presto atenção, bem como o título, pois na maioria das vezes não tem nada a ver com o conteúdo. E se for comprar o livro pela capa, provavelmente vou me decepcionar[4](Lurdes).

Neste caso, a leitora denuncia a artificialidade da produção dos aspectos de cobertura que, remetendo sempre ao encontro romântico, podem enganar. Muitas vezes, esta organização tem por objetivo produzir a sensação de que aquele texto pertence ao conjunto dos outros, evidenciando que a constituição de uma coleção é efeito de uma construção editorial antes mesmo de ser uma relação necessária entre textos semelhantes.

Em sua estruturação interna, percebemos que a narrativa da coleção *Clássicos Históricos* sofre intensa interrupção, seja pela multiplicação de capítulos - em média os livros têm 200 páginas, divididas em 20 capítulos - , seja pela quebra do texto entre eles. Por vezes, as estruturas narrativas tornam-se descontínuas ou apresentam cortes muito bruscos entre o desenrolar de uma cena e outra, o que torna a leitura truncada e causa algumas incongruências no desenvolvimento do enredo. Esta estruturação parece apostar em uma leitura pouco qualificada e

desatenta, o que nem sempre é verdade. Com efeito, parece haver duas leituras possíveis. Por um lado, existe aquela feita rapidamente, em qualquer lugar:

Sou da turma que leio no ônibus, no metrô, no consultório médico, nas aulas chatas da faculdade (hehehehe) e até mesmo, pasmem, no banheiro[5] (Jacqueline).

Além de se dar em toda parte, a leitura costuma ser rápida. Na comunidade do *Orkut*, *Eu adoro livros de romance*, criou-se a seguinte enquete: *Quantos livros vc leu em 2006?* Das 210 pessoas que responderam a pergunta, a maioria, 67 votos (31%), leu mais de 100 livros, revelando uma relação que se mantém com os objetos produzidos pela Indústria Cultural. Walter Benjamim (2000) salienta que as obras de arte, ao serem reproduzidas em larga escala, perderam sua aura, o que garantia seu poder de testemunho histórico a quem mantinha contato com elas. A relação com as reproduções, ao invés de aproximar da tradição, proporciona um contato com a atualidade, produzindo esta sensação de sempre se querer mais.

Por outro lado, também é possível realizar uma leitura vagarosa e atenta:

Pessoalmente, gosto mais de ter contato físico com o papel, apreciar as capas, além de ler preferencialmente na minha cama[6] (Cristina).

Isto contradiz a hipótese da Nova Cultural, pois ao invés de uma atividade superficial e mantida por pouco tempo, ela se demora, gosta do contato vagaroso com o livro.

Sobre seu conteúdo, tratando de encontros amorosos problemáticos, os livros tematizam correntemente os laços sociais estabelecidos por meio do casamento, enfatizando as relações mantidas pela alta sociedade para sua realização de modo adequado. Esta parece ser uma apropriação do romance inglês do século XIX, particularmente, a obra de Jane Austen, em que se trata da escolha correta do marido ideal. Como consequência, somam-se exemplos de casamentos - por interesse, arranjados, entre outros -, o que produz tramas repetitivas. As personagens não oferecem densidade psicológica, remetendo sempre ao tipo idealizado pela publicação. As mulheres são frágeis, ingênuas e, por isso, necessitadas da proteção masculina, além de terem pouco poder na sociedade. Já os homens são fortes, inteligentes e protetores de suas mulheres, gozando de forte prestígio social.

Assim, a coleção dá mais importância às peripécias da trama, fazendo com que em cada capítulo surja um novo problema, dando ritmo acelerado ao livro. Para Muniz Sodré (1988), esta é uma característica da literatura de massa, que privilegia os conteúdos fabulativos, seguindo a estrutura princípio-tensão, clímax, desfecho e catarse. Geralmente, as leitoras identificam certa repetição nas tramas e os elementos manipulados pelas autoras:

O rapaz era pobre e a moça rica ou vice versa, ou também a família era contra, ou tinha algum dos dois comprometido com outra pessoa, enfim, acho que é isso (Entrevista dada por R.G)[7].

Contudo, mesmo sabendo que se vai encontrar algo já conhecido, o prazer está em acompanhar cada peripécia:

Então, mas o que mais me chamava atenção no livro era os romances (...) Porque, geralmente, era histórias, assim, que a mocinha que sofria pelo rapaz, então, **eu queria ver o desenrolar da história** para ver se no final eles iam ficar juntos (Entrevistada M.F, grifos nossos).

Apropriando-nos das reflexões de Michel de Certeau (1994), notamos que há um espaço de tensão entre as *estratégias* criadas pela *Nova Cultural* para se destinar a uma representação de seu público ideal e as *táticas* de apropriação do livro. O público leitor é visto como pouco proficiente na leitura, realizando-a de maneira rápida e pouco aprofundada; além de ter apenas expectativas quanto aos temas amorosos, apesar dos livros oferecerem outros. As leitoras demonstram gostar desta forma de organização, estando habituadas a ela, o que não as impede de perceber as limitações e incoerências presentes no livro. Isto permite ver que sua leitura não é ingênua como se pode pensar, pois as imperfeições são notadas. Mas então por que as leitoras não deixam de ler estes livros? Parece-nos que esta prática de leitura está fortemente ligada aos processos de socialização feminina, ajudando-as a criarem suas identidades.

Criação de identidades: entre a desvalorização e o policiamento

A mulher se torna um público leitor no momento em que a burguesia passa a organizar a sociedade, relegando-as ao espaço privado, onde recebem maior escolarização, com o objetivo de educarem seus filhos. Como resultado, cria-se um ambiente propício à leitura (LAJOLO E ZILBERMAN, 2002). Concomitantemente, vão sendo desenvolvidas publicações dedicadas às mulheres. No Brasil, durante o século XIX, romances franceses, a *Bibliothèque Rose* e folhetins literários são lidos por mulheres burguesas, forjando-se uma tradição de leitura realizada em meio aos cestos de costura. De acordo com Maria Teresa Santos Cunha (1995), ao longo do século XX, com a consolidação do mercado de livros, há o barateamento das publicações e coleções, como a *Biblioteca das Moças*, editada pela *Companhia Editoria Nacional*, composta de livros traduzidos que tratam de encontros amorosos, vendidos em larga escala entre as moças da classe média durante sua existência que se inicia na década de 1920, estendendo-se, com uma pausa até 1987. Estudando a mesma coleção, Cíntia da Silva Lang (2008) salienta que entre 1955 e 1960 os livros de M. Delly vendem um milhão de exemplares, demonstrando o alcance da difusão desta coleção entre as moças.

Seguindo esta tradição, a *Nova Cultural* edita romances sentimentais, como *Bárbara Cartland* e *Sabrina*, coleção mais conhecida, aproveitando-se de um hábito que já estava consolidado na década de 1970 e que se aprofunda cada vez mais, sendo lançada uma nova coleção, a *Clássicos Históricos* em 1993. A fala das leitoras nos faz perceber que a leitura de romances sentimentais é um legado passado de uma geração para outra:

Oi, eu sou uma assinante recente, mas aprendi a gostar dos romances da Nova cultural com a minha mãe que sempre leu (...) Lá em casa todas nós adoramos esse livro (eu, minha mãe, minha irmã, minhas primas) [8] (Fernanda).

Nesse sentido, vê-se que esta leitura é compartilhada por várias mulheres, que costumam emprestar os livros entre si, comprar em conjunto, criando um espaço comum e, fundamentalmente, feminino:

Mas confesso do fundinho do meu coração que eu e minhas amigas ficamos sedentas por histórias cheias de detalhes picantes...que nos garantem pelo menos uns dias de comentários dissimulados para que filhos e maridos não nos entendam...rimos muuuuito!!! Nós somos fanáticas por esses livrinhos...e rodam bastante! [9](Cristina).

Ao comentar sobre a presença de cenas sensuais nos romances, a leitora deixa perceber a existência de um mundo compartilhado pelas leitoras de romances sentimentais, que compreende seus segredos e sonhos. Os temas tratados pelo livro servem de ensejo para conversas entendidas apenas por mulheres, bem como, para a própria criação deste espaço diferenciado do espaço masculino. Logo, deixa-se antever um aspecto formador muito importante presente nos romances sentimentais. Percebemos que as mulheres começam a ler estes livros muito jovens, 10 anos, em média. Este momento parece corresponder ao período de Socialização Secundária das leitoras. Nele, o sujeito passa a fazer parte de um submundo, que lhe dá alguma significação em sociedade, como a escolha por alguma profissão, passando a compor um determinado grupo através da assimilação de seus códigos e sinais (BERGER; LUCKMANN, 1983).

Algo muito semelhante ocorre com as moças que passam a ler os romances sentimentais, pois ao entrarem em contato com os livros nesta idade, estão aprendendo ainda os símbolos de gênero. Neste momento, as mulheres mais velhas de um grupo social apresentam os livros, com seu universo de significados que passa a povoar o imaginário dessas moças, formando suas identidades, tanto de grupo, na medida em que se inserem no agrupamento das mulheres mais velhas, o que percebemos nos excertos acima, quanto identidades individuais:

Adoro os romances da Nova Cultural, e olha que os leio desde os 12 anos, como a Gleide minha mãe não gostava muito, mais eu sempre conseguia juntar dinheiro para comprar ou pedia emprestado para as mães de amigas minhas que também liam, também nunca me deixei influenciar pelas histórias, viajava com elas, sofria, ria enfim me divertia, sempre sabendo que eram só histórias. Hoje já sou casada e tenho 02 filhas e meu marido diz que tem que disputar atenção c/ os livros, pois quando estou lendo não gosto de ser interrompida[10](Madelon).

Este excerto, ao relatar a relação de uma mulher com o livro, parece demonstrar que ele cumpriu a função formadora de criar uma identidade feminina associada à maternidade e ao casamento. A construção narrativa "hoje já sou casada..." deixa subentendido que este é o resultado da correspondência entre a idealização feminina presente nos livros e aquela assumida pela leitora.

O excerto também permite verificar que, apesar de proporcionar esta formação bastante tradicional, o hábito de ler romances sentimentais pode gerar constrangimentos a suas leitoras. Isto se deve a duas razões: por um lado, ao seguir a lógica de mercado, estes livros não gozam de prestígio nas instâncias capazes de legitimá-las socialmente, cabendo a eles a pecha de ruins, pouco qualificados, descartáveis (SODRÉ, 1988); por outro lado, ao serem destinados às mulheres, são vistos como leitura açucarada, sentimental. As respostas dadas a enquete *Já criticaram vcs por ler romances?*, contida na comunidade do *Orkut Eu adoro livros de romance*, exemplificam isto:

Sempre que eu ficava lendo, sempre vinha um que dizia: 'tá lendo esse besterol novamente?' Me dava tanta raiva sabe, só pq ã é um livro de conhecimento, mas e daí? Gosto dos livros pq são leves, divertidos, me relaxam e alimentam a minha alma romântica[11](lis).

Na fala acima, nota-se uma clara comparação entre a literatura de prestígio e os romances sentimentais. Neste sentido, ao defender sua leitura, esta mulher a associa ao prazer que esta lhe causa. Em outros momentos, ressalta-se a aprendizagem que ela pode trazer como uma tática de legitimação da prática de leitura:

E alguns desses romances me ajudam muito na hora de elaborar uma redação narrativa...[12](Dana).

Além disso, o próprio conteúdo dos livros pode gerar repreensões por não corresponderem a certa representação feminina próxima da ingenuidade e ausência de sexualidade:

(...) às vezes meus amigos me chamam de safada, pq qnd alguma amiga minha me empresta o livro com uma capa bem 'indecente' eles vêem e ficam tirando onda[13] (Malu).

Fato é que a relação mulher, leitura e perigo tem longa data. Valéria Augusti (2000), ao estudar o surgimento do romance moderno e o seu caráter pedagógico-moral, salienta que por sua característica de representar o universo literário semelhante àquele vislumbrado no cotidiano, o romance moderno produziu, no momento de leitura, uma espécie de extensão entre a ficção e a realidade. Para os moralistas, ao apresentar modelos de condutas virtuosas e viciosas, estes livros poderiam ter efeito negativo na formação moral dos indivíduos, principalmente, quando a personagem seguisse lado oposto ao da norma social. A fala a seguir parece deixar isto claro:

Já tive um namorado que me acusava de compará-lo com todo personagem dos livros que eu lia[14] (Carla).

Aqui, ao produzir uma diferença entre o namorado real, possivelmente, imperfeito diante da idealização romântica presente nos romances sentimentais, esta literatura seria pernicioso para a continuação da relação, pois a mulher sempre estaria insatisfeita.

Este temor gerou a criação de uma série de leituras para as mulheres com conteúdo edificante, sendo estes romances sentimentais parte deste esforço, servindo para formá-la de acordo com o modelo prescrito pela sociedade burguesa. Contudo, mesmo sendo uma leitura feminina autorizada, as condenações são constante, feitas por pais, mães e maridos, o que nos permite verificar que a mulher é pouco independente, pois suas práticas estão sempre sendo avaliadas:

Sou sempre criticada. Desta última vez foi ilariante, minha mãe teve coragem de me perguntar se o meu marido me deixava ler este tipo de livro. Obviamente que respondi a altura, mas sem ofende-la, disse-lhe que, eu tenho 35 anos e não preciso de autorização de ninguém para ler qualquer coisa[15] (Mônica).

Percebemos, então, que a leitura dos romances sentimentais, apesar de incentivada, ao ser vista como adequada às mulheres, é policiada por aqueles que se consideram seus responsáveis. Para as mulheres que estão em contato com os livros, é preciso conviver com o campo de conflito que é a literatura feminina, resultando, muitas vezes, em atitudes como esconder os livros, fingir que não os lê ou se desfazer deles. Apesar disto, a leitura, como vimos, é mantida ao longo de vida oferecendo marcado apelo formativo, sendo parte integrante da criação de identidades femininas em um momento crucial, a adolescência, ajudando a efetivar seu processo de socialização pela geração precedente. Esta identidade é, em parte, incentivada na medida em que ela é bastante coerente com uma concepção feminina ligada à idealização burguesa. Mas em outra parte, a literatura é negada, sendo condenada por oferecer conteúdo indesejado. Há, ainda, a consideração de que este gênero literário é menor e, por isso, quem os lê também seria. Inseridas nesta dinâmica de aceitação e recusa, as mulheres criam suas identidades através de uma prática de leitura incorporada ao longo dos anos, em uma dinâmica de assimilação e negação do projeto feminino criado ao se relacionarem com a desvalorização e policiamento, vistos como estratégias de educação feminina.

1. Fontes e referências bibliográficas:

1.1 Fontes Orais (Entrevistas):

Entrevista nº 1 - Leitora M. F., São Paulo, 18 de Junho 2008.

Entrevista nº 2 - Leitora M. J., São Paulo, 22 Junho de 2008.

Entrevista nº 3 - Leitora R.G. São Paulo, 24 de Julho de 2008.

1.2. Internet:

www.novacultural.com.br

<http://blog.romances.com.br/>

<http://www.orkut.com/>

1.2. Fontes impressas (livros):

BALDWIN, Kathleen. *A luz dos olhos teus*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2005.

RALEIGH, Debbie. *Não é Preciso ser Bela!* São Paulo: editora Nova Cultural, 2005.

RALEIGH, Debbie. *Casamento em risco*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2006.

TAYLOR, Janelle. *Guerreiro do Vento*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2006.

TAYLOR, Janelle. *Coração de Guerreiro*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2006.

TAYLOR, Janelle. *Nos braços do guerreiro*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2006.

TAYLOR, Janelle. *Ventos Selvagens*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2007.

1.3. Referências bibliográficas

AUGUSTI, Valéria. O caráter pedagógico-moral do romance moderno. *Cadernos CEDES*, ano XX, n° 51, novembro 2000.

BENJAMIM, Walter. A obra de Arte na Época de sua reprodutibilidade técnica. IN: _____(at alli). *Teoria da Cultural de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Educação e Sedução: normas, condutas, valores nos romances de M. Delly*. 1995. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação da USP, São Paulo.

GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@s Juvenis, Identid@des e Internet: Questões atuais. *Revista Brasileira de Educação*. N.23, pp 119-135, mai/jun/jul/ago, 2003.

SODRÉ, Muniz. *Best-seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ática, 1988.

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *A formação de leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LANG, Cíntia da Silva. De moças (1926-1960) a ex-moças (1983-1987): representações e práticas de leitura instituídas na Coleção Biblioteca das Moças. 2008. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

OLIVERO, Isabelle. *L'invention de la collection*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1999

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial* 2001. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

[1] Esta pesquisa é desenvolvida no Programa de Pós-graduação da FEUSP, sob orientação da Professora Doutora Dislane Zerbinatti Moraes, contando com financiamento do CNPq.

[2] Site www.novacultural.com.br, acessado em 13/07/2006.

[3] Nas citações retiradas da *internet*, optamos por manter a autoria das leitoras. Por isso, as identificamos, ao final dos excertos, com os nomes indicados por elas; também com este intuito, não efetuamos nenhuma mudança em seus escritos, indicando possíveis erros ou traduzindo a linguagem da *Internet*. <http://blog.romances.com.br/>, acessado em 15/07/09.

[4] Idem.

[5] Idem; ibidem.

[6] Excertos retirados do site: <http://blog.romances.com.br/>, acessado em 15/07/09.

[7] No caso das entrevistas, as identidades das mulheres foram preservadas. Neste caso, utilizamos abreviações que as identificam.

[8] Site: <http://blog.romances.com.br/>, acessado em 15/07/09.

[9] Idem.

[10] Idem, ibidem.

[11] Site: <http://www.orkut.com/>, acessado em 15/07/09.

[12] Site: <http://www.orkut.com/>, acessado em 15/07/09.

[13] Idem.

[14] Idem, ibidem.

[15] Site: <http://www.orkut.com/>, acessado em 15/07/09.